

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Monografia apresentada pelo
aluno Nelson Bientnez Fi
lho para aprovação no curso
de especialização em Educa
ção Especial na área de De
ficiência da Audiocomunica
ção.

Curitiba -- 1986

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Orientadora:-Neusa Maria Gomide
Pacheco de Carvalho

Aluno:- Nelson Bientinez Filho

Curitiba - 1986

"Não posso ouvir como você,
o murmúrio das águas,
o ciclo do vento na ramagem
em dias de primavera;
Mas sou uma criança normal
como as outras".

AGRADECIMENTOS

- A Universidade Federal do Paraná, por proporcionar o Curso de Especialização em Educação Especial.
- Ao Departamento de Educação Especial por fornecer professores especializados para a realização do curso.
- Ao Instituto de Educação do Paraná pelo acolhimento do aluno para a realização do estágio.
- Aos professores e supervisores pela orientação pedagógica no decorrer do curso, e aos demais que direta ou indiretamente trabalharam para o evento.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I - HISTÓRIA EVOLUTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	8
1.1 - A História da Educação de Excepcionais.....	8
1.2 - O Excepcional e seu Amparo Legal.....	11
1.3 - A História da Educação dos Deficientes Auditivos.....	14
1.4 - O Indivíduo Deficiente Auditivo.....	15
CAPÍTULO I - A AUDIÇÃO	
2.1 - O Aparelho Auditivo.....	17
2.2 - Causas da Surdez.....	19
2.3 - Tipos de Surdez.....	20
2.4 - Graus de Surdez e suas Características.....	21
2.5 - Avaliação da Surdez.....	22
CAPÍTULO III - ASPECTOS PEDAGÓGICOS DO DEFICIENTE AUDITIVO	
3.1 - Psicologia da Criança Deficiente Auditiva.....	24
3.2 - Métodos Educacionais.....	25
3.3 - O Ensino da Fala e da Linguagem.....	28
3.4 - Metodologia do Ensino.....	29
3.5 - O Professor e o Deficiente Auditivo.....	32
CAPÍTULO IV -	
4.1 - Identificação do local de Estágio e Caracterização da Clientela.....	34
4.2 - Observação.....	35
4.3 - Participação.....	39
4.4 - Planejamento para Estágio Supervisionado.....	41
CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo deixar registrado em linhas simples, básicas e concretas, a essência do Curso de Especialização em Educação Especial na área de Deficiência da Audiocomunicação.

Nortearam este trabalho os seguintes objetivos:-

- Atender determinações acadêmicas e pedagógicas propostas pelo curso de Especialização em Educação Especial.
- Proporcionar aos professores oportunidades para o aprimoramento e integração com a criança deficiente auditiva.
- Contatar com a realidade do contexto educacional que envolve especialmente o deficiente auditivo em suas limitações e potencialidades.

Para tanto, necessário se fez em dividi-lo em duas partes para melhor compreensão.

A primeira parte refere-se a um embasamento teórico sobre a história, legislação, problemas da audição e ainda sobre as bases psicossociais e educacionais do portador de deficiência auditiva.

A segunda parte trata de uma praticidade do dia-a-dia que envolve uma classe especial de alunos deficientes auditivos. Este contato direto obedeceu etapas para a socialização do estagiário com alunos, bem como permitir um conhecimento direto da estrutura e funcionamento de uma classe especial, inserida em uma escola regular de ensino comum, sentir os problemas que a envolve e adquirir experiências concretas da realidade educacional no seu próprio campo de ação. Dentro da segunda parte, a primeira etapa conta da ob

servação de todo o processo educativo, englobando a atuação e de sempenho do professor x alunos, alunos x professor, alunos deficientes auditivos x alunos deficientes auditivos e alunos deficientes auditivos x alunos ouvintes.

A segunda etapa refere-se à participação do estagiário em colocar-se à disposição dos professores regentes e alunos como auxílio às suas atividades.

Na terceira etapa verifica-se a atuação, propriamente dita, do estagiário, quando numa testagem da aptidão e afinidade coloca-se à frente da opção de trabalho a que se propôs no início do referido curso.

Este trabalho fornece uma visão global da educação do deficiente, no seu aspecto humano e profissional para aqueles que pretendem adquirir algum conhecimento sobre a problemática do deficiente auditivo.

CAPÍTULO I

1 - HISTÓRIA EVOLUTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

1.1 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE EXCEPCIONAIS

Historicamente a Educação Especial tem passado por constantes reavaliações da própria caracterização do indivíduo submetido a tal atendimento.

Realizando, então, um retrospecto histórico, pode-se constatar que as pessoas excepcionais sempre foram vistas como diferentes, atínicas. Desde Roma e Grécia já eram vistas como criaturas que praticavam "bruxarias" ou "adivinhos".

Hitler, com a grande preocupação em manter uma raça alienígena para a nação, passou a sacrificar os excepcionais, considerados "loucos", para que não deteriorasse a raça de seus homens.

Antes da 2ª Guerra Mundial, as pessoas excepcionais eram atendidas em hospitais como enfermos e isolados de seus familiares. Após a guerra, em consequência de mutilações e outras deficiências, em grande escala, passou-se a oportunizar o excepcional de um atendimento mais humano, visando o paternalismo, sem, no entanto, se aterem aos direitos e deveres do excepcional como cidadão.

Só em 1960, com a convenção de Genebra, as pessoas que apresentavam algum tipo de excepcionalidade começaram a ser vistas como indivíduos pertencentes a uma sociedade onde poderiam participar como cidadãos respeitados pela sua capacidade de atuação dentro

tro de seu nível de potencialidade.

No Brasil, apesar de constar na Constituição Brasileira(1946) que o excepcional tem direitos à educação dentro de suas necessidades e potencialidades, somente nestes últimos 30 anos é que se tem dado ênfase a esta problemática.

No Paraná, o atendimento às pessoas deficientes constituía-se de iniciativas particulares esparsas e isoladas. Os programas eram mantidos por idealismo de fundadores, colaboração comunitária e eventuais auxílios financeiros de fontes oficiais. No entanto, no ano de 1963, baseado no Decreto nº 10527, criou-se, na estrutura da Secretaria de Estado da Educação, o Serviço de Educação de Excepcionais, onde a Educação Especial passou a ser meta governamental, que, somando esforços de iniciativas comunitárias, iniciou-se uma análise da realidade existente e, conseqüentemente, levantamento das necessidades, prioridades e possibilidades do atendimento aos excepcionais a nível estadual.

Com a preocupação inicial de preparar recursos humanos para organizar e instalar o programa de atendimento foi realizado o primeiro "Curso de Especialização para Professores do Ensino Especial", em 1966, em Curitiba. A partir desta data, vêm sendo executados regularmente outros cursos para habilitação de professores para o atendimento de crianças e adolescentes portadores de algum tipo de excepcionalidade.

Com a crescente procura dos programas de Educação Especial e a dificuldade de recrutar recursos humanos para se deslocarem até Curitiba, a Secretaria de Estado da Educação está descentralizando os cursos a nível de Núcleos Regionais de Educação, que estão oferecendo cursos através de Faculdades e Universidades, como cursos de Estudos Adicionais a nível de 2º grau e especialização a nível de 3º grau aos professores que se interessam em atuar nestes programas.

É válido ressaltar que, com a descentralização da SEED, atualmente 22 Núcleos Regionais mantêm dentro de seu quadro de funcionamento, paralelo à Equipe de Ensino, pessoal responsável pela Educa

ção Especial de sua região.

1.2 - O EXCEPCIONAL E SEU AMPARO LEGAL.

A educação, socialização e integração do Excepcional não está solta ao vento, mas sim documentada através de uma legislação.

a - Constituição da República Federativa do Brasil.

Título IV - da família, da Educação e da Cultura.

- Artigo 175 - Parágrafo 4º

"Lei Especial disporá sobre a Assistência à Maternidade, à infância e à adolescência e sobre a educação dos excepcionais".

- Artigo 176

"A educação, inspirada no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e solidariedade humana, é direito de todos e dever do Estado, e será dada no lar e na escola".

- Emenda nº 12 - Assegura às pessoas deficientes alguns direitos básicos:

1 - Educação Especial gratuita.

2 - Direito à reabilitação, reinserção na vida social, econômica e política.

3 - Proibição de discriminação quanto à admissão ao serviço público.

4 - Possibilidade de acesso a edifícios e logradouros públicos sem serem impedidos por barreiras físicas ou preconceitos.

b - Lei Diretrizes e Bases (4.024/61)

Título X - da Educação de Excepcionais

- Artigo 88

"A Educação de Excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral da educação a fim de integrá-los na sociedade".

- Artigo 89

"Toda iniciativa privada considerada pelos Conselhos Estaduais de Educação, e relativo à Educação de Excepcionais, receberá tratamento especial mediante bolsas de estudos, em préstimos e subvenção".

c - Lei nº 5.692/71

Artigo 9º

"Os alunos que apresentarem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrarem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes conselhos de educação".

d - Declaração dos direitos da criança.

- Princípio 5º

"À criança incapacitada física ou mentalmente, ou que sofra algum impedimento social, serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar".

e - Deliberação 024/75 CEE

Criação, autorização e funcionamento, reconhecimento e reorganização de Escolas de Educação Especial e fiscalização oficial.

f - Deliberação 025/75 CEE

Criação, funcionamento, acompanhamento e controle de classes especiais.

g - Deliberação 031/80 CEE

Regularização de vida escolar de alunos egressos de Programas de Educação Especial.

h - Instrução 10/78 CEE

Matrícula de superdotados

i - Deliberação 004/78 CEE

Condições para matricular superdotados

j - Decreto 6.146/83

Exercício de atividades de educação ou reabilitação de Educação de Excepcionais.

k - Resolução 313/84

Regência de classe especial - 50%

l - Deliberação 004/83 CEE

Normas para Educação Especial do Sistema Estadual de Ensino.

m - Deliberação 034/78 CEE

1 - Fixa normas para o tratamento dos casos de matrículas irregulares aos menores de 7 anos na 1ª série de ensino de 1º grau.

2 - Estabelece condições para exame de pedidos para matrícula de superdotados.

1.3 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES AUDITIVOS

A educação do deficiente auditivo começou na Espanha, no século XVI, com Pedro Ponce de Leon, que inicialmente trabalhou com 4 crianças surdas, sendo o primeiro a usar a dactilologia (sinais com os dedos). Utilizava-se deste método porque morava em um convento onde o silêncio era a norma primordial.

Em 1620, Juan Pablo Banet escreveu o primeiro livro sobre a educação dos deficientes auditivos, "Reeducação de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos".

Posteriormente o abade Le Epeé criou a primeira escola pública, em 1755 em Paris. Inicialmente introduziu a educação gestual global e somente depois que a criança possuía o domínio desta que ensinou o alfabeto oral.

Somente no século XVIII é que surge Samuel Heinicke que cria o método oral puro. Seu trabalho é considerado como base do ensino oral até nossos dias. A consagração deste método deu-se em 1880, no Congresso dos Deficientes da Comunicação, em Madri.

Atualmente sabemos que a melhor maneira de ensinar o deficiente auditivo a falar é através do aproveitamento de toda a sua potencialidade, envolvendo treinamento dos resíduos auditivos, imposição da voz e utilização de algumas mímicas, como forma de expressão e comunicação.

1.4 - O INDIVÍDUO DEFICIENTE AUDITIVO

Antigamente, pelo desconhecimento das razões científicas da existência da surdez, muitos acreditavam que os surdos eram frutos da maldição dos deuses. Outros, pelo contrário, consideravam-nos como os efeitos dos deuses para virtudes misteriosas, ficando assim abandonados à sua própria sorte e solidão.

Hoje a ciência fornece a explicação que a perda da audição pode resultar de várias causas.

O dicionário descreve a surdez como uma deficiência ou ausência da audição.

Em todos os países do mundo há um considerável número de pessoas surdas ou que possuem deficiência auditiva crônica. No Brasil, ao que consta, há cerca de 5.000.000 de surdos.

A expressão "surdo-mudo" tem sido aplicada indiscriminadamente a quase todas as formas de surdez, quando na realidade ela só poderia ser aplicada se o surdo fosse educado somente através de mimica.

Segundo os adeptos do manualismo não se deve ensinar a linguagem oral ao surdo, visto que o ensino da linguagem oral provocará reações verbais naqueles que nunca falaram, pois, não puderam ouvir a linguagem de seus semelhantes. Ora, a linguagem ou a expressão verbal nada mais é do que a imitação dos sons ouvidos. Se os sons da linguagem não forem audíveis, não haverá imitação destes sons pelo processo comum, através do qual o ser humano adquire a habilidade de falar, isto é, pela audição.

Sabemos que, com o advento dos processos de instrução oral, possibilitou-se à criança surda o aprendizado das qualidades dos sons e palavras, ou seja, a mecânica, o ritmo, o timbre, a modulação, o tom e o volume da voz, pela utilização da vista ou do tato, como um substituto para o sentido da audição. Daí a afirmação de que cada criança congenitamente surda tenha linguagem e potencialidade diferentes.

Torna-se, assim, imprescindível a instrução e a orientação por parte do professor especializado cuja atuação carinhosa e constante permitirá ao educando surdo na aquisição da sua linguagem, a perda da característica da monotonia e dureza, demonstrando um grau de flexibilidade de linguagem usual. A educação do deficiente.

CAPÍTULO II

2 - A AUDIÇÃO

2.1 - O APARELHO AUDITIVO

Como sabemos, surdez é qualquer diminuição da percepção do som.

O aparelho auditivo se divide em três partes:

a) Ouvido externo:

Se constitui de duas partes: pavilhão auricular ou orelha e conduto auditivo externo (onde é fabricado o cerume).

b) Ouvido médio:

Possui seis paredes e menos de 1cm^3 . É aí que encontramos a membrana do tímpano na parte externa e uma cadeia de ossículos, o martelo, a bigorna e o estribo.

c) Ouvido interno:

Tão complicado que recebe o nome de labirinto ósseo; na parte anterior encontra-se o caracol que possui três rampas ou canais. Em uma das rampas localiza-se o órgão de Corti, que é o responsável pelo mecanismo fundamental da audição, pois é formado por células sensitivas. Na parte posterior encontramos os canais semicirculares que não se referem à audição, mas sim pelo equilíbrio do indivíduo.

O ouvido externo tem por finalidade captar o som, o ouvido médio de transmitir e o interno de transformar o impulso mecânico em

percepção nervosa e levar o som para o centro auditivo do cérebro.

Naturalmente os pontos particulares de localização das diversas regiões cerebrais, referentes a um lado lingüístico, estão ligados entre si por linhas de associação, de sorte que o aspecto externo ou psicofísico da linguagem é o de uma vasta rede de localizações cerebrais associadas ao cérebro e nas regiões nervosas inferiores, sobrepondo-se entre todas as localizações auditivas.

2.2 - CAUSAS DA SURDEZ

Congênita - quando adquirida ainda no ventre da mãe, sendo a rubéola uma das grandes responsáveis, e num segundo plano os medicamentos indevidos ingeridos pela gestante, exemplo:- Talidomida.

Hereditária - como o nome já diz, provem de seus ascendentes.

Adquirida - como consequência dos casos de doença infecto- contagiosa, meningite, uso exagerado de antibióticos, pancadas fortes na cabeça, acidentes no aparelho auditivo, traumatismo de parto, sons em alta frequência e muitos outros.

2.3 - TIPOS DE SURDEZ

O tipo de surdez depende do local onde se instala a anormalidade no aparelho auditivo.

Condutiva:- situada até o ouvido médio. É reversível por medicamentos e/ou cirurgias. O deficiente não necessita de programas especiais.

Neuro-Sensorial:- situada no ouvido interno, nas células da cóclea ou no nervo auditivo. Seu atendimento deve ser em programas especiais de ensino.

Central:- situada nas vias nervosas da audição, é irreversível e apresenta falta ou dificuldade de percepção, falta de memória, problemas de comportamento e falta de compreensão.

2.4 - GRAUS DE SURDEZ E SUAS CARACTERÍSTICAS

De acordo com a classificação de Davis, em 1965, encontramos os seguintes graus de surdez:

- a - Surdez leve: quando a perda é de 25 a 40 dB.
 - Não consegue ouvir os sons de fraca intensidade, mas capta a voz humana desde que não exista grande distância ou voz aguda.
 - Consegue aprender a falar bem.
 - Possui surdez neuro-sensorial.
 - Não necessita de programa especial.

- b - Surdez moderada - quando a perda é de 40 a 55 dB.
 - Não consegue ouvir os sons de intensidade normal.
 - Capta sons fortes da fala.
 - Necessita de prótese.
 - Com prótese é atendido no ensino comum.
 - Desenvolve melhor a fala.

- c - Surdez acentuada - quando a perda é de 55 a 70 dB
 - Não ouve sons de forte intensidade.
 - Com uso de prótese e atendimento precoce, apresenta boa linguagem.
 - Com apoio pode ser atendido na escola comum.
 - Com retardo de fala, necessita de prótese e atendimento especial.

- d - Surdez severa - quando a perda é de 70 a 90 dB.
 - Ouve sons amplificados eletronicamente.
 - Não aprende a falar se não receber atendimento em programa especial ou em família.
 - Torna-se mudo se não exercitar a fala.

- e - Surdez profunda - quando a perda é de mais de 90 dB.
 - Não ouve nenhum tipo de som, mesmo amplificado.
 - Aprende sons ambientais e fala.

2.5 - AVALIAÇÃO DA SURDEZ

O grau da perda auditiva é avaliado através do audiômetro, o qual é manejado por pessoa especializada, que registra em seu gráfico, com símbolos universais, a frequência (hertz) e a intensidade (decibel) da audição do paciente. Ao resultado desta verificação dá-se o nome de audiometria.

Pode-se também avaliar a acuidade auditiva através do diapasão, que em vibrações em várias frequências revela a perda auditiva.

Não há dúvida que a audição representa papel muito importante no desenvolvimento intelectual do indivíduo. É através dela que se processa a aprendizagem, pois, ao ingressar na escola a criança já deve possuir um certo vocabulário que lhe permita exprimir-se e fazer-se entender. Com a criança deficiente auditiva, isto já não acontece, pois ela chega à escola sem vocabulário algum. Isto necessita de um diagnóstico e recomeço de sua linguagem infantil, quando não atendida precocemente.

CAPÍTULO III

3 - ASPECTOS PEDAGÓGICOS DO DEFICIENTE AUDITIVO

3.1 - PSICOLOGIA DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA

O estudo da psicologia além de nos proporcionar o conhecimento das capacidades, habilidades, tendências e interesses dos indivíduos, tem por função também ocupar-se da pesquisa e dos meios acessíveis à ação educativa.

Muito já se conhece da psicologia da criança normal comum. Porém, quando se trata de crianças deficientes auditivas, deve ser vista de modo, se não diferente, mas especial e mais eficiente, das as limitações que acarretam à criança pela falta de um de seus órgãos dos sentidos. O silêncio em que ela é obrigada a manter-se impede que a própria ciência colha elementos necessários e mais eficazes para fornecer ao educador o seu perfil psicológico, sua personalidade e os meios de que poderá utilizar-se para conhecê-lo melhor. O que existe é ainda muito pouco para a vastidão do problema.

Os educadores reconhecem que pouco se sabe sobre o desenvolvimento psicológico da criança surda. Realmente, o que se conhece é sobre suas características. A criança congenitamente surda ou que ensurdeceu, é antes de tudo, uma criança que não tem, como as demais, a possibilidade de comunicação fácil e espontânea com o mundo que a cerca.

A psicologia do surdo para se desenvolver necessita do impulso lento, contínuo, constante e propulsor da pesquisa. É um terreno fértil e rico para aqueles que se dispuserem a explorá-lo.

As crianças surdas congenitamente, além das necessidades psicológicas das crianças, possuem duas outras necessidades fundamentais, a de articular a palavra e de entender a linguagem, que deverão ser satisfeitas para que possa adaptar-se completamente na sociedade a que pertence. Conseqüentemente, os problemas fundamentais da educação resumem-se no desenvolvimento da palavra e na linguagem propriamente dita. Ela deve aprender a falar e entender o que lhe é dito. Isto tem sido reconhecido há muito tempo, por profissionais de surdos que dirigem suas energias no sentido de salientar estas necessidades gêmeas e básicas da vida.

Em torno deste assunto é que deverá girar toda a atenção daqueles que se dedicam à educação da criança deficiente auditiva, pois encerrada no seu mundo silencioso, impossibilitada de evoluir, ainda mesmo cercada pelo mais alto didatismo, salvo alguns casos, não chegam a terminar o 1º grau.

O deficiente auditivo pensa abstratamente, pois as mensagens nunca lhe chega completa e por isso, se não receber treinamento para saber ouvir, ficará prejudicado seu desenvolvimento. Sua memória é boa, mas a memória da palavra falada não é. Sua habilidade é considerada bem desenvolvida, pois possui uma compensação sensorial perfeita onde um sentido substitui outro prestando grande cooperação: aprende a ouvir pelos olhos e a ler os movimentos dos lábios e expressões faciais.

O surdo é como a criança que ouve, animista por excelência, mas seu período de animismo é mais extenso que o da criança normal, daí a impressão que se tem de que o surdo tenha um atraso no seu desenvolvimento psíquico, e, por conseguinte no desenvolvimento de sua personalidade. Dado o grau de subordinação destes ao processo educativo, assume revelação de si mesmo e de conduzir-se com acerto, o viver humanamente da forma mais verdadeira.

3.2 - MÉTODOS EDUCACIONAIS

Existem vários métodos de Educação Especial para o deficiente auditivo. Para melhor compreensão faremos uma leve exposição da evolução dos métodos.

a - MÍMICO

Neste método, o deficiente auditivo expressa-se através dos gestos, podendo utilizar-se das mãos, das expressões fisionômicas e de todo o corpo.

CRÍTICA:- O indivíduo não consegue expressar seus pensamentos e sentimentos mais complexos. Não é muito conhecido e poucas pessoas o compreendem, o que resulta numa marginalização do deficiente auditivo. Utilizando-se a mímica, não há integração social e nem estímulo para treinamento oral.

b - DACTILOLOGIA

É a codificação de um sinal da fala que é transformado em alfabeto e transformado em sinais através dos dedos.

CRÍTICA:- Este método pode dar bons resultados dentro do limite de sua finalidade, isto é, os surdos comunicarem-se entre si. Isola o surdo dentro de uma sociedade ou comunidade.

c - ESCRITO

O deficiente auditivo só se comunica através da escrita.

CRÍTICA:- Como nos dois métodos anteriores, a comunicação torna-se inexpressiva e ainda inconveniente pelo fator tempo.

CONCLUSÃO:- Não é uma comunicação rápida e ainda não poderá transmitir todos os fatores da linguagem falada.

d - ORALISMO

Esta forma de ensino dá bons resultados na comunicação dos deficientes auditivos com a sociedade, porque ele aprende a falar. Sua voz, entretanto, será muito feia porque ele próprio, devido a sua de

ficiência, não terá condições de ouvi-la, de autocriticar-se, de corrigir seus próprios defeitos, necessitando sempre de um atendimento sistemático ou assistemático com um terapeuta.

CRÍTICA:- Além do que foi citado acima, o deficiente auditivo só poderá entender o seu interlocutor quando este estiver situado à sua frente e a sua face relativamente iluminada, devendo compreendê-lo através da leitura labial. Por outro lado, a capacidade visual não será suficiente para captar todos os valores da linguagem, e ainda sua voz será inexpressiva.

Amplia a capacidade de comunicação dos deficientes auditivos, mas deixa ainda a desejar.

d - REABILITAÇÃO AUDITIVA

Este método consta de um treinamento direto no canal auditivo do paciente por meio de amplificadores de sons com filtragem nas diversas frequências. É um método relativamente novo no Brasil, porém já utilizado desde a década de 40 na Europa. O paciente faz seu treinamento de reabilitação auditiva, passando 3 tipos de atendimento: treinamento rítmico; treinamento audiovisual ou multidisciplinar; e treinamento individual.

CRÍTICA:- Associado ao método oral, nos parece o melhor entre os 5 já conhecidos. Através deste método o deficiente auditivo aprende ouvindo, o que lhe permite fazer uma comparação de sua voz com a do professor, ocorrendo chances de feed-back. Sua aplicação fica a desejar pela dificuldade de aquisição de equipamentos.

Sendo o deficiente auditivo treinado pelo canal auditivo, terá uma voz perto da perfeição, conseguindo um bom ritmo e também as reflexões que certas palavras ou frases exigem. Após o término do treinamento, o deficiente auditivo deverá colocar uma prótese, o que lhe permitirá sempre "ouvir".

f - VERBOTONAL

Verbotonal é um método para desenvolver as habilidades de fala e audição das crianças e adultos audio-deficientes. O método tencio

na a partir da filosofia de que o deficiente auditivo pode usar as suas sensibilidades auditivas restantes para a percepção da fala. O programa tem como alvo treinar o cérebro, até mesmo usar uma mensagem acústica distorcida para a percepção da fala, usando as áreas mais sensitivas de audição. Inicialmente, a ênfase está na qualidade da voz normal com os padrões corretos de ritmo e entonação (supra-segmentais). A percepção dos padrões supra-segmentais ajuda a pessoa a perceber os sons da fala (segmentos) que se pensa estarem fora do alcance do sistema auditivo deficiente. Técnicas únicas são usadas, tais como a terapia de movimento, estimulação vibrotátil, baixas frequências, filtros especiais, colocação de prótese auditiva com uso de filtros, testes especiais supra-segmentais e segmentais. Para as crianças, as técnicas especiais são acopladas com treinamento de linguagem tradicional e habilidades acadêmicas.

Neste método, as habilidades do desenvolvimento da fala são colocadas no mesmo processo de desenvolvimento de crianças de audição normal: aprendem a balbuciar corretamente e obter controle da voz, ritmo e padrão de entonação. O treinamento auditivo e vibrotátil, juntamente com a terapia de desenvolvimento, forneceu a estimulação multi-sensorial para o desenvolvimento.

Após o desenvolvimento da percepção auditiva, é colocada uma prótese para se fazer o uso máximo da audição residual.

Este método estimula as frequências mais baixas e a amplificação provoca menos distorções e é mais gratificante e confortável para a audição.

Com a terapia, o currículo normal da aula, a educação dos pais e aconselhamento de profissionais, o objetivo máximo é colocar as crianças deficientes auditivas na educação de escolas públicas e na sociedade. A realização desses objetivos melhora a qualidade de vida das crianças e reduz o custo total da educação.

3.3 - O ENSINO DA FALA E DA LINGUAGEM

Os processos educacionais devem repousar em 2 princípios básicos como: a necessidade da utilização ao máximo dos resíduos auditivos e a necessidade de desenvolver os outros sentidos que auxiliem ou substituam a audição para a aprendizagem e o controle da fala.

"O ouvir está para a fala, assim como o perceber está para a linguagem". Baseando-se neste provérbio, a criança deficiente auditiva deverá utilizar-se dos movimentos mecânicos, do tato e das sensações visuais, para perceber as diferentes posições e vibrações do aparelho articulatório para emitir os sons necessários para a linguagem.

O desenvolvimento para o ajustamento e controle voluntário de todos os órgãos do aparelho articulatório, para se obter as várias sensações de produção de fonemas, conjugados na formação de palavras e frases. Isto não se obtém com rapidez, é um processo longo e exige muito treino. A criança terá que fazer longa prática para adquirir os necessários ajustamentos articulatórios e respectivas sensações para o efeito desejado. Para isso são necessários exercícios respiratórios, de maxilares, de abertura de boca, de elasticidade dos lábios, dos músculos faciais, dos movimentos de língua, de vocalização, de grito e de ressonância.

A linguagem é uma das mais complexas atividades do sistema nervoso, pois sua produção abrange delicados mecanismos motores interligados e correlacionados entre todos os tipos de sensações. A linguagem é a expressão do "eu" dos indivíduos.

3.4 - METODOLOGIA DE ENSINO

Toda aprendizagem realiza-se através das experiências do aluno, ou seja. das reações dos alunos frente ao seu meio ambiente. Deste modo, a fim de que o deficiente auditivo desenvolva o processo de aprendizagem e a comunicação oral e escrita (em nível de recepção e emissão) nas atividades e áreas da proposta curricular, o professor deverá seguir uma metodologia que favoreça esse desenvolvimento através de:

1 - Situação de experiência:-

- quanto mais variadas as situações, mais significativas se rão para os alunos quando exploradas oralmente.
- uma mesma situação de experiência vencida pelo aluno ser ve para alcançar diferentes objetivos.
- durante a situação de experiência vencida pelo aluno, o professor deverá filtrar a linguagem de acordo com o nível de comunicação do grupo-classe, com uso da pista auditiva vi sual.
- através da manipulação do concreto, as situações de experiências vivenciadas levarão o deficiente auditivo à abstração.
- as experiências propostas deverão estar relacionadas com as vivências anteriores, interesses e necessidades do deficiente auditivo.
- deverá existir um controle para que as situações de experiência, vivenciadas pelo deficiente auditivo, não produzam resultados indesejáveis e não previstos.

2 - Centros de interesses:-

São agrupamentos de conteúdos e atividades realizadas em torno de temas centrais de grande significado para o aluno. Neles são trabalhados temas e assuntos selecionados da realidade próxima do deficiente auditivo. Ex.: a vida do aluno na família, na escola, no bairo

ro, etc.

- satisfazer os interesses do aluno, integrando-o melhor no seu meio.
- a partir de dados e fatos concretos e reais, derivados da vida escolar, familiar, etc.
- fazer com que as aprendizagens se realizem através de expe
riências concretas.
- permitir que as tarefas possam ser organizadas ao nível de desenvolvimento do grupo-classe.
- despertar a curiosidade.
- estimular a participação a descoberta e a criatividade.
- proporcionar a oportunidade para o trabalho individual e em grupo.

3 - Unidade de ensino:-

São organizadas em torno de uma idéia central:

- selecionar um assunto.
- escolher uma idéia central.
- definir os objetivos da unidade (comportamento final). Os objetivos deverão ser atingidos dentro e fora da sala.
- definir operacionalmente os objetivos.
- selecionar e organizar as situações de experiências adequadas ao alcance dos objetivos.
- selecionar e organizar os conteúdos. Esses devem refletir os objetivos.
- avaliação (do alcance dos objetivos).

Condições necessárias para a integração do DA.

- uma média de diferença de idade nunca superior a 2 anos.
- participação dos DA em educação física e artística, excur

sões, construções de maquetes, mapas, murais, etc.

- encaminhamento para o ensino regular.
- observar - nível de comunicação.
 - nível de escolaridade.
 - condições emocionais do aluno.
 - continuidade do processo de reabilitação de lin
guagem.
- encaminhamento.
- aluno - facilidade e dificuldade que vai encontrar.
- família - auxiliar no processo de integração.
- comunidade - não negar a limitação, mas salientar as poten
cialidades.

Como se fazer entender e como entender.

- a) Falar normalmente. Fique em pé na frente da criança e fa
le diretamente com ela. Fique em pé para que seu rosto fi
que bem visível, assim a criança poderá ver bem o seu ros
to e lábios.
- b) Uso da linguagem corporal.
- c) Uso da linguagem labial.
- d) Uso de uma linguagem de sinais simples.
- c) Desenhe e escreva mensagens para que a criança leia.
- f) Use linguagem de figuras.

3.5 - O PROFESSOR E O DEFICIENTE AUDITIVO

A preparação específica do professor constitui fator importante para a educação do deficiente auditivo. Não basta conhecer de desenvolvimento bio-psico-social da criança, mas saber adaptar toda uma gama de processos, métodos e técnicas às suas reais necessidades, mediante uma didática toda especializada para alcançar êxito em seu trabalho com o ser humano limitado que lhe chega as mãos.

Oferecemos aqui alguns lembretes que auxiliam o professor e beneficiam as crianças:

- 1- saber e conhecer bem aquilo que vai ensinar, preparando convenientemente suas aulas sem confiar em demasia em sua memória e inteligência. A aula, por mais simples que seja, nunca deve ser improvisada.
- 2- conhecer quem vai ensinar para que possa ser compreendido, isto é, observar os alunos estudando-os carinhosamente e meticulosamente à luz da psicologia, para saber seus reais interesses, aptidão, ideais, impulsos e acompanhar atenciosamente seu desenvolvimento físico e mental.
- 3- adaptar o ensino aos alunos para que haja maior aproveitamento, dosando os conteúdos de acordo com suas possibilidades de assimilação, com atitudes claras, precisas e objetivas.
- 4- utilizar-se de recursos para que suas aulas se tornem agradáveis e possibilite a aprendizagem através de brincadeiras.
- 5- possuir atitudes de interesse e entusiasmo, contagiando os alunos e despertando-lhes o gosto por aquilo que aprende. O professor é o modelo do educando, por isso é grande sua responsabilidade e sério o seu compromisso de exemplo.
- 6- a preparação do professor é um dos fatores relevantes para o desenvolvimento e progresso da situação em que se encontra este imenso grupo de crianças deficientes.
Pois, além de sua formação teórica e prática, deve possuir

certos requisitos básicos de personalidade:

- dose ilimitada de paciência;
- natureza simpática;
- interesse especial por deficientes auditivos;
- muita vontade de vencer as dificuldades pedagógicas diá
rias;
- domínio do que vai ensinar;
- conhecimento de que o deficiente auditivo é um todo- inte
gral sujeito às contingências das variações individuais.

CAPÍTULO IV

4.1 - "IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO E CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA".

Neste item, devemos ^{pl} identificar o local onde será realizado o estágio, isto é, nome do estabelecimento, seu endereço, espaço físico existente no local, número de alunos atendidos tanto em classes regulares como classes especiais, que tipo de habilitação e especializações, a clientela a ser atendida e recursos utilizados para a manutenção da mesma.

4.2 - OBSERVAÇÃO

A- Conjunto:

Nesta atividade, observa-se que os educandos obtêm informações receptivas onde o professor procura desenvolver interiorização dos conteúdos através de atividades orais e escritas para que a emissão se processe de forma mais natural possível. Para tanto são desenvolvidas várias atividades, tais como:

1- Chamada

Esta atividade proporciona ao educando o conhecimento de seu nome, nome dos colegas, professores e familiares. Esta atividade é desenvolvida até mesmo com pessoas faltosas, onde o educando deve perceber e dizer: sou eu, é ele, é ela, não veio hoje.

2- Calendário

Nesta atividade o educando observa o dia de hoje, amanhã e o ontem que acabou. Aqui são salientados os dias da semana na sua sequência e os dias do mês, bem como a data: dia, mês e ano em que está vivenciando no momento.

3- Estados do Tempo

O professor provoca a emissão de frases como resposta ao estado do tempo. O educando é levado a observar e dizer: hoje tem sol; hoje tem chuva; hoje tem vento; hoje não está calor; hoje está frio.

4- Notícia

Esta atividade desenvolve a interiorização de conteúdos a nível de abstração, pois são vivenciados anteriormente. O educando deve fornecer alguma notícia acontecida consigo mesmo, com seus amigos ou com seus familiares. O professor trabalha estes conteúdos no quadro de giz onde no final da atividade cada educando deve saber quem forneceu esta informação.

5- Vocabulário

São trabalhados através de histórias onde são desenvolvidos os principais conceitos e os educandos visualizam as ações e vocabulários novos, chegando a uma interpretação oral e escrita dos conteúdos e por final a uma dramatização.

O professor explora todas as situações possíveis, como cores, lateralidade, ordens, conceitos higiênicos e morais, aproveitando todas as oportunidades surgidas durante a aula.

O professor deixa transparecer com clareza seus objetivos que estão bem ao nível da capacidade e limitações de seus alunos.

A segurança do professor é percebida quando se obedece as fases do desenvolvimento, capacidade e compreensão de cada aluno, preocupando-se com a qualidade de voz que cada um já consegue emitir.

A exploração do tempo e oportunidades que surgem são trabalhadas de forma que todos os alunos participem, dando maior ênfase na reprodução ou emissão da fala, mesmo os educandos mais tensos ou inibidos, usando da linguagem onomatopéica, expressões fisionômicas e suspenses.

O professor utiliza-se de materiais concretos como: observações, fichas e projeção de slides com histórias em seqüência.

Os alunos participam das aulas com interesse, principalmente nas dramatizações das histórias, que é uma atividade muito apreciada.

B- Ritmo Corporal e Musical

Este conteúdo deve ser desenvolvido em uma ampla sala, acarpetada, onde possui um amplificador com 8 fones de ouvido, um aparelho de som e instrumentos musicais como: tambores, chocalhos, pandeiros e atabaques. Tem por objetivo principal impostar fonemas e vogais através de movimentos corporais, de brincadeiras etc.

O professor após explorar a chamada e estados de tempo, passa a trabalhar com exercícios corporais, onde explora os conceitos do esquema corporal, lateralidade e brincadeiras para provocar tensão e relaxamento corporal.

As atividades desenvolvidas são saltos, corrida, cabo de guerra, cócegas, alongamento corporal até que fiquem relaxados.

A vocalização dá-se através de movimentos corporais dentro da metodologia verbotonal.

O professor trabalha estruturas fonéticas através do corpo, palmas e tambor.

Em continuidade às aulas do conjunto, o professor faz treinamento auditivo, trabalhando com frases das histórias, onde faz correção da fala.

Em todas as atividades o professor deve explorar o treinamento auditivo onde fornece a pista e num segundo momento encobre seus movimentos labiais e expressões faciais, onde o aluno deverá ter ouvido a informação para reprodução do que foi dito.

Em ritmo musical, os alunos cantam, dançam e fazem gestos de acordo com a letra da música, imitando os gestos do professor. Em outra atividade os alunos dançam e cantam conforme o ritmo lento ou rápido da música. O professor em dado momento deve desligar o aparelho de som para verificar se os alunos perceberam a ausência da música pela parada da dança.

Observa-se também que há alunos que não acertam bem o uso dos fones, por serem portadores de surdez profunda ou por algum problema no aparelho.

Deve-se verificar se alunos com resíduos auditivos possuem ritmo musical excelente, mas ao memorizar algumas estruturas apresentam dificuldades.

Este conteúdo é baseado em movimentos corporais e fala. Os alunos e professor mantêm bom relacionamento, transformando as aulas em atividades muito atrativas e bem agilizadas.

C- Individual

Neste conteúdo, o professor completa as aulas de conjunto e ritmo. Os alunos devem receber as aulas em uma sala menor que pos

sui um amplificador de sons com 1 fone de ouvido. O professor adapta o volume, frequência e amplitude do som, necessária à cada ouvido do aluno, de acordo com a sua perda auditiva.

O professor deve iniciar sua aula com uma conversação informal sobre acontecimentos anteriores. Segundo os passos de um planejamento, trabalha-se a presença, a ausência de sons, tempos rítmicos e entonação ascendente e descendente. São reforçados os conteúdos trabalhados na sala de conjunto, bem como da sala de ritmo.

Apresenta-se fichas com figuras do vocabulário que está sendo ou já foi trabalhado anteriormente, onde o professor diz para o aluno o nome do desenho ou o próprio aluno falar desde que já tenha interiorizado o conceito. Quando o aluno diz errado, o professor apresenta o nome na forma correta e o aluno reproduz. Em seguida o professor oculta seus movimentos labiais e diz o nome do desenho para que o aluno aponte ou retire a ficha.

As estruturas são trabalhadas com material concreto, onde o professor coloca sobre a mesa objetos agrupados de acordo com a quantidade de fonemas ou palavras a serem pronunciadas. Fornece pistas executando a atividade que o aluno passa em seguida a executar. Logo após, o professor oculta seus movimentos e lábios, diz a estrutura e o aluno deverá agrupar e reagrupar o material de acordo com a estrutura dita pelo professor.

A entonação ascendente e descendente também é trabalhada através de pistas obedecendo toda a sistematização de ocultar os movimentos e fala para reprodução do que foi dito.

Quando é percebida a dificuldade da fala do fonema, o professor utiliza-se dos recursos disponíveis para auxiliá-lo na produção correta do fonema como: levar o aluno a perceber onde seu corpo vibra com a ressonância para melhor percepção e compreensão da emissão do fonema; levar o aluno à frente do espelho para perceber os movimentos labiais e posição de língua nos dentes ou expressão facial para melhor empostação do fonema.

4.3 - "PARTICIPAÇÃO"

A- Conjunto

A participação se processa partindo desde o auxílio na elaboração de planejamento até na substituição de professores.

O professor é auxiliado no decorrer das aulas, nas atividades de interpretação de histórias, dramatização para melhor exemplificar alguns conceitos, correções de tarefas dos alunos, recuperação de alunos em conteúdos matemáticos, enquanto o professor trabalha conteúdos diversos com outros alunos, datilografia de textos, desenhos em stencil e confecção de material como: ampliação de gravuras, confecção de fichas com desenhos, recorte e colagem de gravuras nos cadernos para fixação de palavras e ações com objetivo de formação de frases.

Durante as aulas são aproveitadas situações surgidas para a aquisição e fixação de conceitos tais como: barquinhos e enxurrada. Para isso são confeccionados os barquinhos em atividades de dobraduras e colocados na enxurrada pelos alunos, estagiários e professores de classe.

Em atividade de notícia, quando os educandos relatam sua experiência individual, deve-se procurar interpretar sua linguagem mantendo conversação até que se consiga colocá-la de forma mais correta. Logo a seguir, são passadas para seus cadernos para melhor fixação do conteúdo de cada notícia.

Para que haja melhor compreensão dos conceitos, é necessário que os deficientes auditivos vivenciem experiências, para tanto, os alunos devem ser levados a passeios onde visualizem e vivenciem situações concretas para uma melhor integração ao mundo real e social.

B- Ritmo Corporal e Musical

O estagiário colabora com o professor da classe desde a abertura dos trabalhos do dia, até nas substituições em períodos que sua presença seja solicitada em outro local.

Pela necessidade de se fazer o deficiente auditivo falar muito, o estagiário cumprimenta os alunos exigindo respostas com entonação correta (dentro dos limites e capacidade de cada um).

Em atividades de calendário e notícias, a colaboração do estagiário é manter conversação com cada aluno individualmente sobre os estados de tempo, realizando dramatizações e sobre as experiências vivenciadas anteriormente.

Nas atividades de tensão e relaxamento, deve haver a participação a nível de fazer exercícios como modelos, para que sejam imitados pelos alunos e participação em jogos e brincadeiras.

Em ritmo musical, por ser uma atividade de dança e canto, deve-se procurar acompanhar todo o trabalho desenvolvido, participando ativamente. Muitas vezes, como treinamento auditivo, deve-se procurar confundir os alunos, forçando-os a uma atenção redobrada, quando retira-se a música, mas o estagiário deve continuar a dançar ou parar de dançar quando há música.

Devem ser feitas regulagens nos aparelhos de amplificação e fones tanto para aprendizagem do estagiário como auxílio ao aluno.

C- Individual

Na participação deve constar colaboração à procura de figuras, recorte e colagem para a elaboração de fichas e colagem nos cadernos.

Este material se faz necessário para o treinamento auditivo, quando deverá identificar entre muitas gravuras, aquela que foi dita pelo professor. A colagem no caderno é como reforço das frases que já foram trabalhadas com os alunos.

4.4 - "PLANEJAMENTO PARA ESTÁGIO SUPERVISIONADO"

"OBJETIVOS GERAIS"

Desenvolver a atenção e memória através de hábitos e habilidades diárias, aperfeiçoando a criatividade e a capacidade de comunicação oral, tendo em vista dois aspectos: a recepção e emissão.

Trabalhar no desenvolvimento da audição, a fim de auxiliar o aluno a comunicar-se melhor com o uso de sua audição residual, de acordo com a necessidade de cada um.

"OBJETIVOS ESPECÍFICOS"

Capacitar o aluno a:

- Reconhecer o próprio nome, professores, colegas e pessoas do seu convívio.
- Identificar e localizar-se no tempo: ontem, hoje, amanhã e sempre com o símbolo acabou.
- Reconhecer os estados de tempo: sol, chuva, calor, frio, nublado, vento etc...
- Ser capaz de transmitir as notícias, interiorizado pela vivência.
- Utilizar e fixar fonemas.
- Reconhecer através de fichas as profissões dos pais.
- Reconhecer a importância do amor e respeito ao pai.
- Dramatizar o texto relacionado à figura alusiva à unidade de trabalho. Ex. Dia dos pais.
- Participar dos exercícios para tensão e relaxamento.
- Dançar e cantar ao som de música.
- Emitir fonemas dentro do ritmo fonético.
- Emitir estruturas rítmicas de 1º, 2º e 3º tipo.
- Perceber ausência e presença de som.

1 - CONJUNTO

1.1 - SAUDAÇÃO

Cumprimento com diversas entonações (forte, fraco e lento),
com palmas e fala:

- Bom dia...

Com palmas

- Bom dia...

Só com fala

- Bom dia...

1.2 - CHAMADA

a - Reconhecer seu nome, colegas e professores.

b - Apresentação dos alunos presentes e ausentes.

c - Entrega dos crachás aos alunos.

d - Responder corretamente:

- Quem veio hoje?

- Hoje não veio...

- Em quantos estão hoje?

Reforçando presença e ausência.

1.3 - CALENDÁRIO

Noção de ontem, hoje e amanhã, incluindo o símbolo acabou.

Noção do dia e do mês, "agosto".

Responder as perguntas interiorizando-as

- Que mês estamos?

- O que comemoramos neste mês?

- Em que dia comemoramos o dia dos pais?

- Em que dia da semana?

1.4 - ESTADOS DE TEMPO

a - Levar a criança a observar o tempo respondendo corretamente as perguntas;

- Como está o dia hoje?
- Hoje tem sol?
- Chuva?
- Nuvem?
- Está frio?
- Está calor?

b - Manuseando o calendário, as crianças desenharão os estados do tempo, e com o símbolo acabou, riscará o que não corresponder ao dia.

1.5 - NOTÍCIA

a - Cada criança escreverá ou desenhará a sua notícia em cartão individualmente.

b - O cartão da notícia será fixado no mural.

1.6 - VOCABULÁRIO

1.6.1 - Fonemas

- Fixação /nha/s/l/.

1.6.2 - Palavras

- Família, dinheiro, roupas, alimentos, remédios, profissões, papai.

1.6.3 - Verbos

- Trabalhar, cuidar, amar.

1.6.4 - Frases

- No dia dez de agosto comemoramos o dia dos pais.
- O papai trabalha muito, ele cuida de nossa família.
- O dinheiro que papai ganha no trabalho dá para comprar: roupas, alimentos, remédios, etc.
- As profissões de nossos pais são muitas.
- Devemos amar nossos pais.

1.7 - HISTÓRIA

Segundo os seguintes passos.

- 1º passo - Descrição da história.
- 2º passo - Desenvolver a fala do vocabulário.
- 3º passo - Desenvolvimento dos principais conceitos.
- 4º passo - Apresentação da história (em 1, 2 , 3 tempos).
- 5º passo - Dramatização da história pela criança.
- 6º passo - Compreensão da linguagem.
- 7º passo - Experiências relacionadas.

2 - RITMO CORPORAL E MUSICAL

2.1 - CUMPRIMENTO

2.2 - EXERCÍCIOS DE TENSÃO E RELAXAMENTO

- brincadeiras de roda.
- cócegas.
- pular corda.

2.3 - EXERCÍCIOS RESPIRATÓRIOS

2.4 - VOCALIZAÇÃO (Correção e fixação) com os fonemas /s/l/nh/.

2.5 - PRONUNCIAR CORRETAMENTE AS PALAVRAS DO VOCABULÁRIO, SEGUINDO-SE DE TREINAMENTO AUDITIVO.

2.6 - ESTRUTURAS DO 1º, 2º e 3º TIPO:

1º TIPO	2º TIPO	3º TIPO
pa po	pa pa pi	Papai Papai
pa pa po	pa pa pa	Meu Amigão
pa pa pa	pa pa po	Papai Papai
po	papai	Do Meu Coração

3º TIPO

Papai vai

Papai vem

Papai papai

Vai e vem

2.7 - TREINAMENTO AUDITIVO.

2.8 - RELAXAMENTO COM APARELHO AO SOM DE MÚSICA LENTA.

2.9 - DANÇAR AO SOM DAS MÚSICAS:

- Chuvinha

- Barquinho

- Bode

- Cobrinha

2.10 - DISCRIMINAR AUSÊNCIA E PRESENÇA:

a - de ritmo

b - de música

Obs.: músicas acima.

2.11 - TREINAMENTO AUDITIVO.

3 - INDIVIDUAL

3.1 - CUMPRIMENTO

Conversa informal

Bom dia!!

Como vai!!

Qual é o seu nome?

Meu nome é ...

3.2 - DISTINGUIR UM E VÁRIOS ELEMENTOS.

pa	papapapa	
papapapa	pa	
pa	papapa	pa
papa	papa	papa

3.3 - DURAÇÃO DO SOM COM TREINAMENTO AUDITIVO

paaaaaaaaa	pa
pa	paaaaaaaaa

3.4 - RÍTMO COM ESTRUTURINHA E TREINAMENTO AUDITIVO

pa	pa
pa	papa
papa	pa
papa	papa

3.5 - Fixação do vocabulário com treinamento auditivo através de fichas.

Papai, família, dinheiro, roupas, alimentos, remédios, profissões.

3.6 - Leitura de frases em forma de historinha com ilustração e treinamento auditivo.

3.7 - Joguinho de dominó com finalidade de fixação:- profissões.

CONCLUSÃO

A utilização da linguagem oral, como forma afetiva de comunicação, não só envolve a aquisição de conceitos e a utilização deles em orações estruturadas, como também a forma de expressá-los ao ouvinte de forma inteligente, ou seja, através da fala. Não bastará adquirir um vocabulário significativo se a sua fala não estiver condizente com os padrões utilizados pelos seus ouvintes, pois não haverá compreensão daquilo que foi emitido por ele.

Adquirir e desenvolver a fala na criança ouvinte envolve, principalmente, a utilização da audição à medida que os aspectos articulatórios, contidos na fala, pressupõem a formação e retenção de uma imagem acústica que a levará a modelar sua própria emissão, aproximando-a do modelo ouvido. Devido a isso, a criança deficiente auditiva acha-se prejudicada desde o nascimento, na impossibilidade de desenvolver a fala normalmente, pois seu impedimento auditivo tornar-se-á incapaz de adquirir, por si só, uma fala satisfatória.

Justifica-se daí, os deficientes auditivos receberem um treinamento de todos os aspectos que envolvem o uso da fala, a fim de que a sua linguagem possa ser expressa convenientemente.

Deve-se considerar que a maioria da clientela escolar é privada de um atendimento precoce ideal e, portanto, apresenta-se para o início dos estudos com hábitos inadequados na utilização dos órgãos envolvidos no uso da fala e com vícios em suas emissões, devido a falta quase total de utilização da pista auditiva passa a se monitorar.

A criança ouvinte, quando nasce, não tem ainda compreensão au
ditiva. Ela aprende a interpretar os sons que existem à sua volta
à medida que eles ocorrem nas diversas situações do dia-a-dia.

Com a criança deficiente auditiva, apesar de apresentar sem
pre resíduos auditivos, estes permanecem sem utilização por falta
ou insuficiente estimulação. Deve-se propiciar a ela condições pa
ra que aprenda a ouvir e interpretar os sons como a criança ouvin
te o faz. Isto se torna possível quando a criança é munida de apa
relho de amplificação sonora adequada ou através da audição óssea.

Estas colocações vieram à tona ao final de um trabalho, por
sentirmos que, embora haja por parte de todo trabalho com o defi
ciente auditivo preocupação do desenvolvimento e formação máxima,
completa e harmoniosa da personalidade integral do deficiente audi
tivo, a ênfase primordial recai no desenvolvimento da linguagem do
educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRESA - Curriculum do Centro de Reabilitação Sidney Antonio - Curitiba, 1981.
- CRESA - Metodologia Verbotonal - Curitiba, 1983.
- SEED/DEE - Estratégias facilitadoras do processo ensino -aprendizagem para alunos deficientes da audiocomunicação - Material elaborado para fins de treinamento de recursos humanos para a Educação Especial, na área de deficiência da audiocomunicação. Curitiba, 1985.
- TELFORD, Charles & SARWEY, James M. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, 4ª Ed.
- UDEN, A. Van. A world of language for deaf children. A maternal reflective method. Amsterdam and Lisse, Zwets & Zeitling, 1977.